



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA ESPANHOLA

ELIANE DE OLIVEIRA MARINHO VAZ

**RELATOS DE UMA UNIVERSITÁRIA: A IMPORTÂNCIA DE SE
CONSIDERAR A RELAÇÃO HUMANIZADA ENTRE AS EMOÇÕES E O
COGNITIVO DENTRO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

JOÃO PESSOA
2019

ELIANE DE OLIVEIRA MARINHO VAZ

**RELATOS DE UMA UNIVERSITÁRIA: A IMPORTÂNCIA DE SE
CONSIDERAR A RELAÇÃO HUMANIZADA ENTRE AS EMOÇÕES E O
COGNITIVO DENTRO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras Espanhol, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Mercedes Pessoa Cavalcanti

JOÃO PESSOA
2019

ELIANE DE OLIVEIRA MARINHO VAZ

**RELATOS DE UMA UNIVERSITÁRIA: A IMPORTÂNCIA DE SE
CONSIDERAR A RELAÇÃO HUMANIZADA ENTRE AS EMOÇÕES E O
COGNITIVO DENTRO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Letras Espanhol,
do Centro de Ciências Humanas, Letras
e Artes da Universidade Federal da
Paraíba como requisito para obtenção do
título de Licenciada.

Data da aprovação:

____/____/____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Orientador
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Maria Mercedes Pessoa Cavalcanti
Coorientadora
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Ana Berenice Peres Martorelli
Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Profa. M.^a Christiane Maria de Sena Diniz
Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V393r Vaz, Eliane de Oliveira Marinho.

RELATOS DE UMA UNIVERSITÁRIA: A IMPORTÂNCIA DE SE
CONSIDERAR A RELAÇÃO HUMANIZADA ENTRE AS EMOÇÕES E O
COGNITIVO DENTRO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM /
Eliane de Oliveira Marinho Vaz. - João Pessoa, 2019.
33 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Coorientação: Maria Mercedes Pessoa Cavalcanti.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Emoções. 2. Humanização. 3. Cognitivo. 4. Processo
ensino-aprendizagem. I. Rodrigues, Hermano de França.
II. Cavalcanti, Maria Mercedes Pessoa. III. Título.

UFPB/CCHLA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço plenamente ao meu amado Deus e Pai soberano, por ter me permitido chegar até aqui, depois de tantos percalços enfrentados.

Agradeço, imensamente, a toda minha amada família. Ao meu querido esposo, aos meus amados filhos, e a minha amada filha, a minha amada mãe e, in memória, ao meu amado e saudoso pai, e as minhas amadas irmãs. Enfim, a todos que sempre estiveram, incondicionalmente, ao meu lado me apoiando e animando em todas as situações difíceis pelas quais passei.

Gratidão sem medidas ao meu orientador querido, amado e admirado professor Dr. Hermano de França Rodrigues, que mesmo diante de minhas maiores dificuldades, tanto no lado emocional quanto no cognitivo, em nenhum momento deixou de acreditar em mim, de me animar e me incentivar e, sobretudo, me fazer acreditar, outra vez, que eu era plenamente capaz de realizar este trabalho, por mais limitada que eu pudesse me sentir. Não estaria concluindo mais esta etapa se não fosse por seu dedicado amor, empenho e paciência para comigo.

Agradeço imensuravelmente a minha coorientadora e professora Dra. Maria Mercedes Pessoa Cavalcanti por todo seu amor e atenção sem medidas para comigo. Grata também por todos os conselhos valiosos. Jamais esquecerei tamanho carinho. Es um grande exemplo para mim. Sua luz ilumina quem passa pelo seu caminho.

Gratidão sem limites as minhas professoras Dra. Ana Berenice Peres Martorelli e a Ma. Christiane Maria de Sena Diniz, por terem aceitado fazer parte da banca do meu TCC, e agradecer-lhes também, por cada palavra de ânimo, incentivo e apoio. Vocês são verdadeiras inspiração para mim.

Meus mais profundos agradecimentos, aos meus queridos e amados professores e professoras, por me conduzirem com muita competência e me mostrarem o lado humano dessa profissão, ao terem sido pacientes, atenciosos, compreensivos, dedicados e empáticos para comigo, justo quando eu mais precisava.

Sou muito agradecida às minhas amigas/irmãs, Maria Aparecida, Cleoneide, Lucinha, Odaísa, Andrea, Patrícia, Marileide, Valmíria, Suellen, Fátima Jane, Leyde, Fabrícia, Flávia e Priscila e aos meus queridos e amados amigos, G. Silva, Maurício, Mikaylson, Marquinhos, Rael, Oseas e Saulo que sempre estiveram dispostos a me ouvir e ajudar quando se fez necessário.

*Só num clima de segurança afetiva o
cérebro humano funciona
perfeitamente, só assim as emoções
abrem caminho às cognições.*

Vítor Fonseca

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância de se ter em conta a relação existente entre as emoções e suas consequências sobre a cognição, como também, suas repercussões de acordo com a desvalorização do emocional, dos sentimentos e seus reflexos no processo ensino-aprendizagem. Ser um docente não deve restringir-se a transmitir apenas o conhecimento, esquecendo-se de que também lhe é incumbida a preparação social e emocional do discente. A ausência de um olhar que contemple a complexidade humana, implica em um prejuízo na relação saudável entre alunos e professores, comprometendo o êxito do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que este, em grande parte encontra-se envolvido em uma rede de emoções. O conhecimento é algo libertador; em nome desse nobre propósito, se fazem necessárias mudanças urgentes na percepção e na metodologia pedagógica. O aluno está para o professor assim como a bússola está para o norte. Isso é algo sublime, que não pode permanecer sem seus devidos ajustes. Tudo evolui com o tempo, sempre em busca de melhoras e aperfeiçoamentos. Com a educação não deveria ser diferente. Não é aceitável que se mantenham alunos e professores em situações muitas vezes conflitantes por falta de um sistema que não tem contemplado de forma correta e prioritária tais mudanças pertinentes. E serão elas, que se encarregarão de estabelecer a harmonia entre o que busca o conhecimento, e o que o conduz a ele. Estudar é algo sumamente consumidor, física e emocionalmente. Portanto, é inadmissível que não se venha a ter, devidamente em conta, que o ser humano é um ser pleno com suas emoções e sentimentos, indissolivelmente imbricados. Isso significa que, para a saúde mental, tanto dos discentes como dos docentes, e também para o melhor desempenho deles, se faz necessário que não se perca mais tempo para realizar os aperfeiçoamentos nessa área. Fazer ajustes e adequações que se necessitam, deveria ser uma constante pela educação, o que melhoraria, indiscutivelmente, as relações entre aluno-professor, ademais de otimizar o processo ensino-aprendizagem.

Palavras chave: Emoções. Humanização. Cognitivo. Processo ensino-aprendizagem.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es enseñar la importancia de observarse la relación existente entre las emociones y sus consecuencias sobre la cognición, como también sus repercusiones cuando ocurre la devaluación de lo emocional, de los sentimientos y de sus reflejos en el proceso de la enseñanza-aprendizaje. Ser un docente no debe restringirse a la transmisión del conocimiento, olvidándose de la preparación social y emocional del discente. La ausencia de una mirada que contemple la complejidad humana, implica en un perjuicio en la relación saludable entre alumnos y profesores, comprometiendo el logro del proceso de la enseñanza-aprendizaje, una vez que éste, en gran parte, se encuentra involucrado en una red de emociones. El conocimiento es algo libertador; en nombre de ese noble propósito, se hacen necesarios cambios urgentes en la percepción y la metodología pedagógica. El alumno está para el profesor, así como la brújula está para el norte. Esto es algo sublime, y no puede permanecer sin sus debidos ajustes. Todo evoluciona con el paso del tiempo, siempre en la búsqueda de la perfección. En la educación no debería ser distinto. No es aceptable que se mantengan alumnos y profesores en situaciones a menudo conflictivas, en virtud de un sistema que no contemple de manera correcta y prioritaria, los cambios pertinentes. Serán éstos que se encargarán de establecer la armonía entre el que busca el conocimiento, y el que lo conduce a él. Estudiar es algo sumamente consumidor, tanto físicamente, como emocionalmente. Por lo tanto, es inadmisibles que no se tenga en cuenta que el ser humano es un ser pleno que posee emociones y sentimientos, indisolublemente imbricados. Ello significa que, para la salud mental, tanto de los discentes como de los docentes, y también para el mejor desarrollo de las actividades concernientes a ambos, se hace necesario que no se pierda más tiempo y que se realicen ajustes. Hacer cambios y adecuaciones, debería ser una constante en el campo educacional, lo que mejoraría, indiscutiblemente, las relaciones entre alumnos-profesores, además de optimizar el proceso de la enseñanza-aprendizaje.

Palabras claves: Emociones. Humanizado. Cognitivo. Proceso enseñanza-aprendizaje. Docente. Discente.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I - GÊNESIS	4
CAPÍTULO II - ALÉM DO HORIZONTE I	5
CAPÍTULO III - COMEÇAR DE NOVO: um sonho feito realidade.....	7
CAPÍTULO IV - PRIMEIRO DESAFIO.....	9
CAPÍTULO V - SEGUNDO DESAFIO	12
CAPÍTULO VI - CONFLITOS INTERNOS: areia movediça.....	14
CAPÍTULO VII - PRINCÍPIO DAS DORES	16
CAPÍTULO VIII - PESADELO I	17
CAPÍTULO IX - PESADELO II.....	23
CAPÍTULO X - O OUTRO LADO DA VIDA.....	26
CAPÍTULO XI - ALÉM DO HORIZONTE II	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma experiência de vida. Nele, é feita uma breve descrição, em primeira pessoa, dividida em capítulos, da trajetória ao tentar entrar para a graduação, e, também, sobre a mudança para a Espanha e o regresso ao Brasil; o ingresso na UFPB e as expectativas sobre o curso; a experiência como apoiadora de Ângela¹, e, o problema de saúde enfrentado após ter passado por sérias dificuldades pessoais, sendo ainda, discente da UFPB.

Será apresentada uma realidade difícil e dolorosa da educação brasileira, e que é assombrosamente ignorada, onde não se dá a importância necessária à vida estudantil/acadêmica, assim como, às devidas contemplações das relações das emoções sobre a cognição de forma humanizada (uma vez que, não é possível dissociar as emoções dos seres humanos). E, também, expor a árdua e complexa tarefa dos profissionais dessa área que, por sua vez, sofrem as consequências da falta de preparação especializada durante sua formação acadêmica. Estes dois aspectos têm suma relevância dentro do processo ensino aprendizagem, pois, a falta do primeiro gera sérios problemas, como por exemplo, mais desgastes emocionais que, por sua vez, refletirão também na saúde de ambos.

Para trazer alusões ao tema, veremos o que diz Vygotsky, Fonseca (2016), Marona e Goulart (2014), dentre outros, no âmbito da importância das emoções, suas interferências e consequências sobre o processo ensino aprendizagem.

É difícil, como futura professora e terapeuta holística, não enxergar as limitações e/ou dificuldades que poderão surgir no aprendizado, à raiz do que está sentindo o aluno. Ao tratar-se de pessoas, jamais deveria ser ignorado suas emoções, pois elas são inerentes à vida do ser humano.

É indispensável que haja modificações consideráveis no currículo do docente em formação, para que este saiba como lidar com seus alunos quando estão emocionalmente afetados. E isso é uma constante em suas vidas.

Portanto, enquanto o sistema educacional não ofertar os suportes que venham ajudar tanto aos alunos quanto aos professores, e, não tomar providências efetivas para solucionar essa situação, seguiremos mantendo docentes e discentes subjugados ao padecimento, lamentavelmente; faz-se necessário mudanças urgentes na grade curricular dos docentes. Esta seria uma das várias possibilidades que existem para tentar solucionar

os sérios problemas na educação. É preciso, e com urgência, ser revisto o processo educacional do Brasil, no que tange, sobretudo, à preparação adequada nas licenciaturas.

CAPÍTULO I - GÊNESIS

“Grandes realizações são possíveis quando se dá importância aos pequenos começos”.

Lao Tsé (filósofo Chinês)

Em uma família de seis filhos, cinco mulheres e um homem, eu sou a número cinco. Vi como minhas irmãs iam, cada uma, concluindo seu ensino superior. Sempre cri que para alcançar os sonhos desejados, começar pela educação, seria um bom começo, pois, se com os estudos em dia, hoje já é difícil, imagina sem eles!

Meus pais não tinham o nível superior, cursaram até o segundo grau. Porém, em minha casa, minhas três irmãs mais velhas e a mais nova, graduaram-se. Apenas, eu e o meu irmão, ainda, não tínhamos chegado à universidade. Em realidade, meu irmão não gostava tanto de estudar, eu, no entanto, não morria de amores pelos estudos, mas, tinha a consciência de sua importância e implicações para o futuro laboral.

O fato de realizar vários vestibulares e só ter conseguido chegar no 17º lugar na lista de espera, para educação física, e ainda assim, sem ser chamada para cursar, deixou-me muito triste. À raiz disso, comecei a sentir-me, cognitivamente, inferior aos demais, afinal, os cinco mais velhos eram todos frutos de escola pública, o que fazia com que eu me sentisse mais incapaz ainda. Devido às frustrações, dei um tempo nos estudos e nas tentativas de ingressar à universidade.

CAPÍTULO II - ALÉM DO HORIZONTE I

“O valor de um ato se julga por sua oportunidade”.
Lao Tsé

Já casada e com um filho de 7 anos, fomos viver na Espanha. Foi uma experiência ímpar. Nada fácil, mas, imensamente enriquecedora. Ali, minha família cresceu com a chegada de mais dois varões. Com uma família numerosa, fez-se necessário ajudar economicamente em casa. Trabalhei bastante, mas, estava insatisfeita com aquela situação, porque trabalhava muito e ganhava pouco. Não me parecia justa tal proporção. Logo me veio à memória a lembrança dos estudos. Então, decidi voltar a estudar para transformar aquela atual situação. Mais uma vez, bateu a insegurança quanto a minha capacidade de estudar, agora, em um outro país e com um idioma diferente do meu. Em realidade, me parecia que a situação era pior que antes, quanto aos estudos. Os pensamentos me comiam a cabeça, já que, se eu não tinha conseguido aprovar para entrar em uma universidade no Brasil, como será que eu iria conseguir na Europa?

Graças a Deus, sempre tive muita fé e confiança que Deus sempre estaria comigo em todas as situações da minha vida. E, assim foi. Minha família sempre acreditou em mim e me encorajava a seguir com os estudos. Fiz cursos na área da saúde e me tornei voluntária da Cruz Vermelha, em socorro e emergências. Mas, tomei gosto pela coisa e queria mais. Foi quando convalidei meus estudos para entrar no curso de auxiliar de enfermagem. Verdadeiramente, uma experiência maravilhosa, mas não menos difícil. Concluir os estudos e trabalhar ao mesmo tempo, requereu muito tempo e dedicação, o que arranhou muito a minha saúde, causando-me problemas, já que o tempo que eu tinha para descansar não atingia as quatro horas diárias. E isso, durante quase um ano. Tive que optar entre estudar ou trabalhar, pois as palpitações, dores musculares e de estômago, inviabilizaram a possibilidade de seguir com as duas coisas. Fiquei, indiscutivelmente, com os estudos. Seguia crendo nele como mola propulsora para alcançar meus objetivos. E, minha sacrificada escolha, não me defraudou.

Lembro-me, certa vez, quando uma pessoa me perguntou, com muita admiração, como eu tinha conseguido um contrato para trabalhar no hospital como auxiliar de enfermagem. Então, eu respondi que tinha sido através dos meus estudos. Pois, não era tão fácil conseguir um contrato no hospital. Mais uma vez, pude ver que estudar é, além

de enriquecedor, culturalmente falando, ele nos permite, dependendo do esforço e dedicação de cada um, além das oportunidades, levar-nos aonde queremos.

Certa vez, uma amiga me chamou para fazermos um cursinho pré-vestibular. Lembrei-me de um que eu tinha feito antes de fazer o vestibular no Brasil, e não aprovar. Com a insistência de minha amiga, fizemos o cursinho, e para minha surpresa, aprovei para Filologia hispânica. Que alegria! Naquele dia, convenci-me que, querer é poder! Comecei a cursar, à distância, em uma instituição. Mas, infelizmente, só segui um período. Devido à falta de bagagem, foi extremamente difícil para mim, o que me deixou bastante desanimada, e terminei com muito pesar, abandonando o curso.

CAPÍTULO III - COMEÇAR DE NOVO: UM SONHO FEITO REALIDADE

“Para ganhar conhecimento, adicione coisas todos os dias.
Para ganhar sabedoria, elimine coisas todos os dias”

Lao Tsé

Em função de muitos contratempos pessoais, e da crise econômica que a Espanha estava passando, decidi voltar com minha família ao Brasil. Foi uma decisão muito difícil de ser tomada, uma vez que, ali minhas raízes já estavam fincadas. Deixei aquele país com muito pesar, pois passei a considerá-lo como minha segunda pátria amada. Serei eternamente grata àquele país que me acolheu com tanto amor, e que muito me ensinou através da sua cultura e do seu povo.

Nada mais chegar, nasceu minha primeira filha, prematuramente. Após alguns meses, decidi fazer um curso, pois sentia muita falta dos estudos. Ali, conheci uma moça brasileira que tinha chegado da Europa. Tínhamos trocado muitas experiências lá vividas. Ela me aconselhou a não perder tempo e fazer o curso de Letras Espanhol para obter o título de professora e, assim, poder lecionar. Gostei da ideia, mas, mais uma vez me senti impotente, pois já fazia bastante tempo que tinha estudado para fazer o vestibular para a UFPB, entretanto, sem lograr êxito. Não me via em condições de enfrentar uma nova prova de ingresso novamente, porque estava sem tempo para estudar e com um bebê de meses. No entanto, a colega, muito boa em argumentos, logo me convenceu.

Fiz a prova para a UFPB sem nenhuma preparação, pois já não tinha tempo para me preparar. E, para minha surpresa, aprovei para o segundo período. Fiquei muito feliz por ter conseguido uma vaga na universidade. Minha estima estudantil subiu um pouco mais, pois, dentro de pouco estaria realizando um sonho: cursar minha primeira graduação!

Parecia um sonho, porém, desta vez feito realidade. Minhas expectativas eram imensas, bem como também, meus receios. Não sabia, em realidade, com o que e com quem iria me deparar. A ansiedade, por vezes, queria tomar conta de mim. Com frequência, me via indagando a mim mesma em como seriam as aulas, se eu daria conta da demanda de estudos com minha rotina, sem que atrapalhasse minha maternidade, afinal, não via com muita tranquilidade a possibilidade de conciliar tudo sendo mãe de quatro filhos, sendo uma ainda bebê. A princípio, fiquei temerosa de enfrentar uma graduação, mas decidi seguir em frente. E que Deus me ajudasse! Aprendi a nunca me

entregar ao medo, às dúvidas, e às possíveis e futuras barreiras que, embora fossem desconhecidas para mim, sabia que iria enfrentá-las.

Sempre sonhei em realizar trabalhos onde eu pudesse dar o meu melhor, a minha maior contribuição possível aos demais, já que eu gosto muito de pessoas. Acredito que tudo o que é feito de coração e com amor sincero, reverberará em excelentes resultados. Estava convicta de que eu poderia dar minha contribuição à sociedade com meu grãozinho de areia.

CAPÍTULO IV – PRIMEIRO DESAFIO

“Meça sempre aquilo que foi feito com
aquilo que poderia ser feito”.

Lao Tsé

Lembro-me como se fosse hoje, quando adentrei, pela primeira vez à UFPB, como aluna. Eram muitas as expectativas. Almejava, sedentamente, ser uma excelente professora de espanhol, onde eu pudesse transmitir ademais do conhecimento, empatia e humanidade. Mas, ansiava, sobretudo, poder contribuir, também, na formação de pessoas que tivessem consciência da importância de se fazer uso da generosidade umas para com as outras, de serem comedidas, sempre empáticas para que possam ser, consequentemente, bem mais humanas! Afinal de contas, a graduação escolhida era na área de humanas, eu não podia esperar encontrar algo distinto disso.

Estava muito ansiosa para assistir minha primeira aula. Ao entrar na mesma e cumprimentar a todos com um bom dia, um colega me perguntou se eu era a professora. Sorrindo, respondi que ainda não. O primeiro que me chamou a atenção foi a quantidade de alunos juvenzinhos. Acho que só tinha eu e outra colega com a mesma faixa etária. Mas, mesmo com essa diferença, não tivemos maiores problemas. O que me deixava apreensiva era como seriam as aulas, já que, não estávamos mais no ensino médio. Os primeiros dias pareciam tranquilos, mas, depois as coisas foram se intensificando. Comecei, realmente, a sentir o peso da graduação.

Fui tentando adaptar-me ao ritmo e conciliar a vida familiar com a de estudante. Por vezes, me sentia culpada quando me encontrava muito ocupada com as tarefas da faculdade. Sentia como se estivesse roubando um tempo que deveria ser dedicado aos meus filhos, tanto para a educação deles como nas demais coisas, afinal de contas, eles estavam numa fase que requeria muito mais dedicação e atenção, no entanto, não conseguia ver-me sem minha graduação, o que exigia muito mais esforços de minha parte.

Há um ditado popular na Espanha em que se diz, que: “El toro se coge por los cuernos y no por la cola”. “O touro se pega pelos chifres, e não pelo rabo”. É o que tenho em mente todo santo dia, e venho tentando fazer ao me sobrepor às dificuldades que enfrentei e continuo enfrentando. Sei que nada se consegue sem esforço. Assim, procurei me revestir de toda positividade possível e fui em busca de seguir “agarrando os touros pelos chifres”.

Passei por muitas venturas a cada semestre concluído, mas, também vivenciei muitas outras desventuras, chegando a roçar algumas vezes, grandes decepções. Mesmo a duras penas, fui aprendendo que lidar com o ser humano não é algo tão fácil, contudo, podemos nos moldar, de certa forma, e, nos adaptarmos a eles. Acredito na capacidade de melhorar do indivíduo, e que todos podem ser, um eterno venha a ser.

Meu horizonte, sobre vários aspectos era cada vez mais ampliado, o que me enchia de alegria ao perceber que eu estava no caminho certo, certa de que poderia e seria capaz de deixar minhas possíveis contribuições para uma sociedade melhor. Chegava a essa conclusão período após período, ao encontrar docentes que ensinavam além do conteúdo correspondente. Ensinavam com sua forma de ser, e de ensinar também, o que para mim, era um grande diferencial na aprendizagem. A sapiência de certos professores, acrescida de uma boa dose de humanidade, generosidade e empatia, me inspirava e me fazia querer ser igual a eles. Justo como nos ensina o filósofo, Lao Tsé, “O sábio não ensina com palavras, senão com atos”, e era exatamente assim que eu estava aprendendo com meus professores.

Meus olhos brilhavam e minha atenção, plenamente, pertencia-lhes. A maneira como lecionavam e se relacionavam com seus alunos, me ensinava também a como proceder quando chegasse a minha vez. É certo, que nem tudo eram flores, mas, até mesmo em semestres de relacionamentos difíceis em sala de aula com alguns professores, se extraíam grandes lições. Tudo era aprendido. É o que afirma Vygotsky (1896-1934), quando diz que, “Em sala de aula, devemos antes conquistar as emoções dos alunos, depois a razão”.

Embora, não se veja essa tendência habitual em alguns profissionais da área de educação, provavelmente, por não terem em seus currículos a devida preparação, no que tange ao conhecimento específico sobre o assunto. Enquanto não houver uma considerável modificação em relação à compreensão de que é necessário que haja essa conquista, da qual se referiu Vygotsky, será difícil alcançar o aluno quanto ao bom rendimento que se espera na aprendizagem. Ademais de mudanças pertinentes e concernentes, referentes ao campo das emoções e, também, modificações na capacitação dos profissionais.

É bem verdade que há um apreciável despreparo na formação acadêmica do docente para poder lidar com as emoções dos alunos em sala. E, como aluna e futura docente, vejo que a nossa “grade curricular” deveria ter no currículo mais inversões para

melhorar a capacitação desses profissionais, neste sentido. Não há como dissociar as emoções do ser humano, pois, de acordo com Goulart e Marona (2014):

As emoções interferem (intervém) em nossas ações cotidianamente, dificultam o raciocínio lógico e interferem em nosso aprendizado. Participam, nesta etapa, partes importantes do cérebro que realizam suas funções de acordo com a participação (intervenção) do ambiente, o equilíbrio, mudanças efetivas, estímulos e emoções na promoção do conhecimento.

É primordial uma boa relação e interação social do aluno com o professor, e a sua reciprocidade, e que se considere o contexto social do discente, caso contrário, a falta dessa percepção poderá dificultar mais o êxito do trabalho, quanto ao processo ensino-aprendizagem. Podemos entender melhor sobre esse assunto nas vozes de Moretti e Hübner, (2017, s. p.)

A relação professor-aluno é considerada como ponto chave na troca de conhecimentos percebidas por pessoas distintas, com experiências únicas, sendo aproximadas em ambientes e momentos específicos¹⁶. Para isso, uma autorreflexão dos docentes é necessária com respeito a suas atitudes para com os alunos, com o intuito de obter eficácia na condução da aprendizagem, aperfeiçoando sua didática com adequações às novas técnicas e mudanças em substituição à tradicional forma "engessada" e retrógrada.

Além da importância de se considerar a relação docente-discente, faz-se necessário ter a consciência da necessidade de se realizar reciclagens com os docentes, a fim de que se possa obter profissionais mais bem preparados e atualizados quanto às novidades da área educacional, o que possivelmente os deixarão mais aptos a lidarem com a nova demanda de discentes, pois, os alunos também não são mais os mesmos, o que se exige muito mais dos professores.

CAPÍTULO V - SEGUNDO DESAFIO

Com o passar dos meses já estava bem adaptada à UFPB. Tinha vontade de participar de algum projeto, engajar-me em algo que contribuísse mais e mais para o meu aprendizado. Foi quando recebi um convite de uma colega de letras francês, para participar do Comitê de integração e acessibilidade. Achei bastante interessante a proposta e aceitei ser apoiadora de uma aluna com déficit cognitivo. Tivemos que passar por uma seleção para a admissão. Conheci a aluna (a qual chamarei de Ângela). Embora Ângela não aparentasse ter nenhum problema sério, fui percebendo suas dificuldades no dia a dia em sala de aula e, também, através dos reforços que eram dados a ela.

Foi uma excelente experiência para mim, pois, à medida que eu tentava ajudá-la com suas tarefas, eu aprendia mais. Fui adquirindo mais e mais conhecimento, também, ao estar em sala de aula com ela. Porém, comecei a sentir o peso maior da responsabilidade e dificuldade quando me deparei com a falta de compreensão de alguns professores quanto ao entender e aceitar que Ângela realmente tinha dificuldades pelo déficit de cognição. Tentava entender a postura do docente, pois como disse antes, Ângela não aparentava ter maiores problemas.

Certa vez fui questionada sobre a deficiência da aluna por uma professora que até chegou a pedir o laudo para comprovação da deficiência da discente. Diante da dúvida só me restou pedir a docente que se dirigisse ao Comitê de integração e acessibilidade para poder esclarecer as desconfiças quanto à deficiência da aluna. Lamentavelmente, vivenciei experiências que me fizeram chorar diante da falta de humanidade de alguns docentes. Era inconcebível em minha mente que uma pessoa que decidiu ser professora, e que já tinha seus quantos anos de profissão, não conseguisse perceber que Ângela não fingia seu problema. Notei que existia um certo distanciamento e, por vezes, até “implicância” da docente em relação discente, o que me deixou muito preocupada, pois como podemos ver no texto do Portal Desafios da Educação, (2018):

[...] quanto maior a distância psicológica que uma pessoa assumir de um fato ou atitude, menor será a emoção aplicada. “O distanciamento evita o engajamento – e isso é algo que gestores, líderes e professores precisam prestar atenção” (CALABREZ, 2018, s. p.).

Por vezes me sentia impotente e indignada com a postura de alguns professores. Porém, era perceptível que os docentes não tinham sido preparados para receber esses alunos o que dificultava a relação professor-aluno.

Mais uma vez pude ver e vivenciar a falta de preparo do docente, juntamente com suas consequências, que podem ser traumatizantes e desanimadoras para o aluno. Confesso que me entristeci muitas vezes ao ver que, em meio a um projeto social tão lindo e tão importante para os alunos que dele se beneficiam, existem até o presente lacunas que precisam ser reparadas.

CAPÍTULO VI - CONFLITOS INTERNOS: AREIA MOVEDIÇA

Em meio a minha trajetória acadêmica, passei por vários percalços, como duas separações. Foi algo que, verdadeiramente, estremeceu o meu chão, referente ao psicológico e, por sua vez, à cognição, à memória... enfim, todo o processo emocional que vivi, passou a refletir no meu desempenho. Nesse momento, tive vontade de desistir do curso, mas, através da compreensão e o ânimo que recebi de alguns professores me impediram que o fizesse, mesmo me sentindo totalmente sem condições cognitivas para seguir. Através do texto do Portal Desafios da Educação (2018), vemos que:

Estudos científicos sobre a capacidade do cérebro indicam que as emoções impactam o cotidiano de todos. A afirmação é do professor e neurocientista Pedro Calabrez, sócio-diretor da NeuroVox e pesquisador da Escola Paulista de Medicina da Unifesp. [...] Na maior parte das vezes, as pessoas são governadas por emoções conhecidas como “processos quentes”. São sentimentos ou sensações que não se escolhem, e sobre os quais em geral não se tem controle, como fome, raiva e desejo. “Isso traz uma série de implicações para a sociedade”, ressalta Calabrez. Na aprendizagem, o engajamento emocional é relevante. “O professor que faz o aluno aprender um conteúdo é o professor que consegue engajá-lo emocionalmente”, afirma. Sobre o uso da emoção em sala de aula, o neurocientista alertou os educadores que fazem pressão ou despertam medo nos alunos. Os profissionais que confiam na estratégia do professor carrasco como caminho para unir aprendizado e disciplina estão equivocados. A emoção que mais envolve as pessoas, segundo Calabrez, é a confiança. “Ela está na base das relações”. Segundo ele, o estudante que confia no professor estabelece um vínculo e se abre para o aprendizado.

Com base no relato de um estudante, retirado do portal Desafios da Educação, (2018), do ensino fundamental, poderemos perceber a implicação das emoções sobre o ensino-aprendizagem. Para Gabriel Figueiredo Guetter Camargo, 14 anos, a confiança estabelecida entre aluno e professor foi o que melhorou seu desempenho em história. Ele estava no 8º ano quando o vínculo foi criado, com os alunos se mostrando acessíveis e utilizando linguagens e práticas mais próximas da realidade dos jovens. Afirma o aluno:

Antes, o meu desempenho nessa disciplina era mediano. Eu achava que História era só decoreba, os conteúdos não me diziam nada. Até encontrar um professor com quem eu me identifiquei”, explicou Camargo. Atualmente no 9º ano, o aluno segue tendo aulas com o mesmo professor. E suas notas melhoraram.

A teoria sociocultural de Vygotsky, contempla a participação ativa dos indivíduos. Sobre o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, o teórico afirma:

A teoria sociocultural de Vygotsky coloca a ênfase na participação proativa de [indivíduos] com o ambiente que os rodeia, sendo o **desenvolvimento cognitivo** o resultado de um processo colaborativo. **A teoria sociocultural de Vygotsky** é uma teoria emergente em psicologia que examina as importantes

contribuições que a sociedade faz ao desenvolvimento individual. Esta teoria destaca a interação entre o desenvolvimento das pessoas e a cultura em que vivem. Sugere que a aprendizagem humana é um processo social. Segundo Vygotsky, o desenvolvimento individual não pode ser entendido sem o contexto social e cultural em que se está imerso. Os processos mentais superiores do indivíduo (pensamento crítico, tomada de decisão, raciocínio) têm sua origem nos processos sociais.

Assim sendo, podemos perceber que a teoria Vygotskyana mostra que é de suma importância para o aprendizado haver um bom relacionamento social, pois, o contrário disso atrapalharia o processo ensino-aprendizagem, posto que enquanto seres sociais e sociáveis que somos, a falta de uma boa interação social implicaria diretamente no bom desempenho tanto do discente como do docente.

As notas caíram, passei a trancar cadeiras, mas, a minha vontade de seguir adiante não me deixou abandoná-lo. Para mim, foi um dos períodos mais difícil de ser atravessado.

Minha veia humana, junto à grande vontade de ser cada vez mais útil ao próximo, não me permitiram rechaçar a oportunidade de estudar, paralelamente, a Medicina Tradicional Chinesa e o curso de Letras. Tentei preencher minha mente, de todas as formas possíveis. Buscava unir o útil ao agradável, e me apaixonei por essa medicina complementar. Através dela, pude ir ajudando muitas pessoas. E, realmente, estava logrando fazê-lo, o que me deixava plena.

CAPÍTULO VII - O PRINCÍPIO DAS DORES

“Se estiveres no caminho certo, avança;
se estiveres no errado, recua.” Lao Tsé

No entanto, por todas as dificuldades que eu passei em vários momentos, a médio prazo, recebi uma fatura altíssima. Sou consciente de que foi a somatória de toda uma vida, entre emoções fortíssimas e muitos altos e baixos, com predomínio sobretudo do último. Mas, foi depois da segunda separação que recebi o diagnóstico que mudaria minha vida completamente.

Eu não sabia o que era um “BI-RADS”. BI-RADS (Breast Image Reporting and Data System) um termo inglês utilizado como uma escala para medir o grau de periculosidade das lesões mamárias, separando-as entre benignas, malignas e suspeitas. O meu, sempre saia um 2, mas depois de todo o processo sofrido, “coincidentemente”, saiu um 4, que implicava em 20% de probabilidade de malignidade. E para minha tristeza, eu fiz parte dos 20%. A falta de conhecimentos sobre o tema, elevou ainda mais a fatura, pois cometi o desvario de postergar a indicação médica de ir a uma especialista, a mastologista, para poder concluir minhas atividades da faculdade. Sem ter noção do risco que corria, pensei em ir à consulta com a médica depois que concluísse as pendências com a UFPB. Tal escolha rendeu-me consequências arrastadas até hoje, e inclusive, por uns quantos anos adiante.

Quando parei para cuidar-me, vieram uns quantos exames para fazer. Mas tinha um que me deixava apavorada, por temor a que perfurassem a prótese que levava. À raiz disso, troquei de médica, pois não estava de acordo com os procedimentos dela para comigo. Fui a uma outra especialista que uma amiga me indicou. Pareceu-me bastante competente, porém, em todo o processo de descoberta da gravidade da enfermidade, eu me tornava cada vez mais difícil. Mais uma vez, por não ter determinados conhecimentos específicos na área da oncologia e, também, como consequência de um estado emocional abalado, houve atrasos em todo o processo até a extirpação do tumor, o que, de certa forma, agravou o meu quadro clínico. Encontrava-me, naqueles momentos, absurdamente fora de mim. Parecia que eu não era eu. Queria acordar daquele pesadelo horrível.

Já não estava com cabeça para continuar meus estudos.

CAPÍTULO VIII - PESADELO I

“Passamos por momentos difíceis, e nesses momentos sempre aprendo o verdadeiro valor da vida”. Ellen Carter

Lembro-me, como se fosse hoje, o dia em que saíram os resultados das biopsias. Minha médica tentou me tranquilizar, dizendo-me que eu tinha um carcinoma *in situ*. E que entre as neoplasias malignas, esta era a “menos ruim”. Embora para a médica o prognóstico de ser um carcinoma *in situ*, não era de todo ruim. Fiquei sem chão quando ela me deu a opção de escolher fazer uma quadrantectomia e radioterapia, ou, uma mastectomia radical com reconstrução.

Decidi comunicar a notícia aos meus familiares pelo WhatsApp, assim seria mais fácil disfarçar os meus temores. Todos ficaram preocupados, mas consegui deixá-los, de certa forma, mais tranquilos, em função da maneira como eu procedi dando a notícia a cada um deles. Tentei passar o máximo de tranquilidade e confiança para cada um, no entanto, naquele momento eu estava me sentindo mesmo era dilacerada e assustada com o que me esperava no futuro, afinal, lidar com um diagnóstico positivo para um câncer de mama é algo que ninguém espera se deparar. Tendo que tirar forças de onde eu não tinha, ainda tive que consolar minha irmã mais nova que não parava de chorar com a triste notícia. Tentei consolá-la de todas as formas possíveis. De tanto forçar a barra em querer demonstrar algo que eu não sentia, mesmo com todo o apoio de minha família, exceto minha mãe, que ainda não sabia de nada, pois decidi poupá-la para não atrapalhar na recuperação dela por causa de uma ruptura óssea. Como consequência, ao dia seguinte eu me encontrava com 39° de febre, muita dor no corpo e uma dor de cabeça que parecia que ia me dar um AVC. Foi apenas um dos vários piores dias que eu enfrentaria.

Não foi nada fácil ter que omitir da minha mãe o que me passava já que estávamos sempre em contato. Uma vez, quando fui compartilhar com minha irmã o diagnóstico de um dos muitos exames que vinha fazendo, chorei muito com ela, escondida da minha mãezinha. Ela, muito esperta, quando me viu de cara vermelha perguntou por que eu estava chorando. Tive que mentir, dizendo que eu estava espirrando muito, por isso estava com o nariz e olhos vermelhos. Ter que dar-lhe a notícia, era algo que me preocupava muito, pois eu não sabia até quando iria conseguir esconder tudo dela.

Depois, fui pouco a pouco, comunicando aos meus amigos pelo que estava passando. Minhas amigas/irmãs e irmãos, sempre estiveram ao meu lado me consolando. Graças a Deus, eu tive anjos ao meu redor que estavam sempre pendentes de mim e do

meu estado de ânimo, pois, mesmo eu tentando elevá-lo constantemente, ele estava quase sempre pelo chão. É uma enfermidade que dilacera o emocional de qualquer pessoa. Em harmonia com Santos:

Somos seres integrais, dotados de sentimentos, emoções, pensamentos e experiências, que fazem de nós seres únicos e especiais, e desta forma levamos esta bagagem de vivências e emoções em todo e qualquer conhecimento e aprendizagem que agregamos. Isto ocorre porque a *amígdala*, parte do cérebro responsável pelo processamento das emoções, também atua de maneira ativa nas áreas da cognição, memória, atenção e raciocínio [...] Quando desenvolvemos uma ansiedade patológica, por exemplo, nossa capacidade de atenção e concentração fica deficitária, com dificuldades para absorver novos conteúdos e informações, o que acaba provocando um fraco rendimento escolar. Estudantes expostos à situações de stress, liberam em seu organismo um hormônio chamado *cortisol*, que tem o objetivo de prepará-lo para lidar com ações de perigo ou de alerta, de maneira mais eficaz, inibindo assim o processo de reter e compreender novas informações.

Segui com minha rotina de médicos e exames. As punções eram cruéis. Cada vez que eu era submetida a elas, eu ficava muito machucada e assustada com a dor que só era crescente. Travei uma luta tremenda comigo mesma. Pois, por piores que pudessem ser os diagnósticos, eu sempre procurava passar tranquilidade para as pessoas que estavam comigo. Penso que, de tanto por máscaras, meu corpo começou a protestar. Ele sempre falava comigo através de sintomas que eu deixei passar, em função do corre-corre. Ainda me preparando através dos exames para realizar a cirurgia de retirada da mama, no dia 21 de setembro de 2018 tive que passar por uma intervenção para a retirada do apêndice.

No dia 23 de novembro fui submetida à mastectomia, finalmente. Eu já estava demasiada preocupada com todo o processo em atraso para a realização da retirada dos tumores, e ter que esperar ainda dois meses para me recuperar da primeira cirurgia e concluir o restante dos exames, me deixou com os nervos muito agitados de preocupação. Pois, o câncer não espera, não se pode perder tempo nenhum com ele. E isso era o que mais me angustiava e me afligia.

Como a médica me havia dado a opção de escolher entre retirada de quadrante com radioterapia, ou uma mastectomia, perguntei qual das duas eram mais precisas quanto a cura. A médica disse que sem dúvidas era a mastectomia. Então, apostei nela, pois, já não tinha mais o que se pensar. No entanto, gerou-se um pequeno problema. A médica queria a retirada total da mama e também da auréola. É bem verdade que, com a sua retirada a cirurgia oferecia mais garantia em termos de segurança, mas, também implicaria em outras intervenções para a reconstrução, das quais eu não abriria mão. Pensado em me poupar das futuras reconstruções, pedi à especialista que só fizesse a

retirada da peça se houvesse comprometimento com células neoplásicas. Começaram outra série de exames para ver a margem de segurança entre os tumores e a auréola. Com a devida margem assegurada, ficou acordado entre eu e a médica que, seria feito um exame de congelamento durante a cirurgia para avaliar o material da auréola, caso saísse negativo o resultado, ela faria a preservação, porém, se desse positivo, a retirada. Assim ficou combinado. Então, eu entendi que, se quando eu despertasse do processo cirúrgico tivesse a preservação da auréola, era porque não tinha tido comprometimento maligno com a mesma.

Chegou o dia para realizar a cirurgia, e mais uma vez tentei manter-me tranquila e resignada quanto ao que me esperava, pois, ficar alterada emocionalmente, em nada me beneficiaria. Aos trancos e barrancos procurei ficar calma, pois não queria que minha família sofresse mais comigo. Fui para o bloco cirúrgico mais em paz, mas, sempre reforçando aos médicos que só fizessem a retirada da auréola caso houvesse comprometimento.

Houve uma onda de pensamentos, por parte de várias pessoas, achando que eu só queria a preservação da auréola, por pura vaidade. E, se assim fosse, eu estava no meu direito. Afinal, quem passaria por todas as demais cirurgias de reconstrução seria eu. Mas, sempre procurei manter o bom senso, mesmo quando o meu emocional ficava abalado, pois a razão da preservação era por querer me poupar de mais cirurgias. Eu ainda arrastava muito trauma quanto às dores que senti quando fui submetida, em 2012, a uma mamoplastia e redução da auréola. Nem mesmo o tempo me tinha feito esquecer o quanto tinha sido doloroso todo o processo. As dores que eu havia sentido me deprimiram muito. Por isso, eu estava sempre tentando me poupar de mais cirurgias. Mas, também sempre me dispus a fazer o que a médica achasse melhor para mim.

A intervenção cirúrgica durou mais de 5 horas, onde retiraram toda a mama, 4 linfonodos sentinelas e dois músculos das costas para a reconstrução da mesma. Durante a cirurgia, passei por um processo que nem sei como definir. Parecia ser um sonho, mas tudo o que senti naqueles momentos era demasiado real, algo que jamais esquecerei. Sentia como meu corpo ia perdendo as forças e ficando gelado. Eu não via nada e nem ninguém, sentia uma sensação de que estava morrendo. Comecei a conversar dando comando às células do meu corpo para que elas reagissem em meu favor. Pois eu não queria morrer ali. Inexplicavelmente, comecei a enxergar minhas próprias células. E seguia dando-lhes comandos. Depois, pude ver e sentir, como meu corpo ia esmorecendo,

perdendo cada vez mais forças, ficando cada vez mais gelado, e indo para dentro de um caixão. Flores flutuavam em direção a ele, começaram a cobrir meu corpo. Naquele momento, já estava em plena agonia e desespero, imediatamente, comecei a clamar a Deus para que não me deixasse morrer. Depois me acordei da cirurgia, ainda bastante grogue, repetindo uma única palavra: dói, dói, dói, dói... até que escutei uma enfermeira dizendo ao médico que eu não parava de gemer dizendo que doía. Em seguida, ele a autorizou a aplicar uma dose de morfina. Depois o cirurgião plástico se aproximou de mim perguntando como eu me sentia, não lembro da resposta que dei, mas lembro de ter perguntado se tinham preservado minha auréola. Ele disse que sim. Naquele momento, embora sentisse muitas dores, me senti imensamente aliviada e feliz, pois eu sabia em que isso implicaria, como consequência, cirurgias a menos e mais áreas livres de células neoplásicas.

Apaguei, e despertei quando me levaram ao apartamento. Não senti as dores horrendas que passaria a sentir, por causa, ainda, do efeito da morfina. Mas, ainda assim, senti dores muito fortes. Além de tudo o que me tinham retirado, levava posto 3 drenos que me amargaria a vida com dores horríveis, por pelo menos 6 dias. Já senti muitas dores, mas aquelas das “mangueirinhas” enfiadas nas minhas costas sobre os músculos que haviam sido retirados, e na região peitoral, onde receberam os músculos retirados da parte posterior, aspirando todas as secreções e causando-me dores que, parecia que me enterravam um ferro em brasas em todas aquelas áreas, eu jamais havia sentido. Passei verdadeiramente muito mal quanto às dores. Meu desespero por causa dela, fez com que a medicação, que era pautada a cada 6 horas, terminasse sendo administrada a cada 4 horas, e inclusive, chegando até a cada 3 horas. Eram dores desesperadoras. Ao dia seguinte à cirurgia, demoraram a medicar-me. Confesso que nunca imaginei montar um escândalo, mas, há coisas na vida que só quem sabe é quem passa. Já desesperada, outra vez com tanto sofrimento, e extremamente irritada por sua causa, pedi a técnica que aplicasse as medicações para aliviar minha agonia. Mas, meu pedido parecia ser ignorado, o que me deixava ainda mais furiosa. Comecei a chorar desesperadamente, pois não suportava mais tanto padecimento. Cheguei a pensar que talvez fosse melhor ter morrido. Meu filho vendo minha angustia, ficou nervoso com a enfermeira, e esta, falou com ele de uma forma ríspida, que quando eu soube que era ela tratando assim meu filho, só faltei me levantar da cama, mesmo em estado quase de choque. Fiquei altamente irritada e gritei

muito com a pessoa que tratou mal o meu filho. Eu estava, plenamente, descontrolada com todo o pós-operatório.

Fiquei chocada com a falta de comunicação entre o pessoal da enfermaria. Uma técnica ia aferir minha pressão no braço esquerdo, justo do lado da cirurgia, e de onde haviam sido retirados os linfonodos. Quando percebi que ela iria pegar meu braço, gritei que era o lado da cirurgia, que não poderia tocá-lo de forma alguma. Enquanto estive internada no hospital, não confiava mais em ninguém. Tinha que ficar pendente de que não me manipulassem o lado esquerdo enquanto eu dormisse. Pois, eu não tinha recebido, juntamente com minha família, as devidas orientações do que eu poderia ou não fazer dali em diante.

Uma internação que era para ser de dois dias, durou 4. Justamente, por causa das dores excessivas. Ficava estarecida com os profissionais que vinham me atender e não sabiam que eu levava drenos e tinha feito a retirada de músculos. Quando eu os relatava qual tinha sido o meu procedimento, eles diziam que agora entendiam porque eu me queixava de tanta dor.

Tudo o que eu já tinha enfrentado até então, me fazia pensar na diferença que há em passar por todo o padecimento vivido, com um trabalho realizado com seriedade, sensibilidade e competência. Pois, foram poucas as profissionais que tiveram a sensibilidade e delicadeza em lidar comigo naqueles momentos tão difíceis. Eu também sou técnica em enfermagem. E, independente das condições de trabalho em que possa estar passando um profissional da área, seja desde de uma insatisfação econômica à insatisfação com colegas, ou com a carga horária, nada disso justifica uma prestação de serviços sem o devido amor e eficiência. Eu tive o privilégio de atuar profissionalmente na área de enfermagem quando residi na Espanha. Trabalhei com idosos, bebês e pré-maturos. Sempre procurei tratar a todos com o mesmo amor e carinho. Pois eu amava o que fazia, e procurava fazer sempre o meu melhor, portanto, não aceitava de forma alguma a maneira, para mim negligente, como fui tratada. Mas, graças a Deus, como diz minha querida e amada mãe: “tudo o que tem começo, tem fim”.

Recebi alta do hospital, ao qual não esperava mais ter que retornar. Fui para a casa de uma das minhas irmãs, pois eu não queria preocupar minha mãe com minha dolorosa recuperação. Foi muito difícil passar dias na cama. Quanto menos me movesse, menos dor eu sentiria e menos energia gastaria. Nunca imaginei que padeceria tanto numa cirurgia, e que teria uma recuperação tão lenta e tão demorada. Apesar da impaciência de

ter que ficar tanto tempo de cama e tanto repouso, meu coração era muito grato, por já ter passado pela pior parte. Agora, era só me recuperar daquele processo e voltar à minha vida, à minha rotina. Isso era o que eu almejava e acreditava.

CAPÍTULO IX - PESADELO II

“São nos momentos mais difíceis e dolorosos que descobrimos a força que temos”. Paulo Cuba

Ao sair o resultado da imunohistoquímica da peça da cirurgia, sofri uma queda do cavalo quando levei o exame para a médica. Eu estava toda feliz, porque o resultado era favorável, até onde eu tinha lido e entendido. Mas, a dra. ao ver minha tranquilidade e contentamento com o resultado dos exames em mãos, perguntou se eu já tinha lido e entendido o que estava ali. Eu disse que sim, mas, havia muitos nomes técnicos os quais eu não conhecia. E, era justamente nos nomes técnicos que morava o problema. Ela disse que ter escolhido a mastectomia tinha sido uma escolha feliz, porque além do tumor existente, havia muitos outros focos com células neoplásicas. E, que, existia uma probabilidade de comprometimento de 50% das margens retro aureolar também estarem comprometidas. Só existiam 2 possibilidades, ou retirar a auréola que eu tanto lutei para preservar, ou, fazer a radioterapia.

Novamente, senti o chão se abrir. Fiquei sem ação diante de tal prognóstico. Tinha optado pela retirada da mama por ser a opção mais segura, e agora, tinha que fazer outra escolha difícil. Se fizesse a retirada da auréola, não precisaria sessões de radioterapia, mas, caso não a retirasse, então, a radioterapia seria obrigatória. A princípio, optei por fazer a radioterapia. Mas, minha família achava que eu deveria fazer a cirurgia. Quando eu pensava em todo o processo cirúrgico e na recuperação lenta, eu me recusava plenamente à retirada. Foram dias de muitas dúvidas e incertezas, e inclusive de alguns confrontos com minha família que se opunha a minha decisão. Sei que eles só queriam o melhor e o que fosse mais seguro para mim. Naqueles momentos, me sentia confusa, incompreendida e, sobretudo, muito assustada com o que estava acontecendo. Relutei muito em aceitar, novamente, toda aquela situação, que mais uma vez desestabilizava demasiado meu emocional.

Decidi fazer a radioterapia, mas minha médica também achava mais seguro realizar a intervenção cirúrgica. Entrei em um estado de nervos, onde eu ficava muito irritada quando alguém me sugeria a cirurgia, como melhor e a mais segura forma de tratamento. Pois, com ela, em tese, tudo estaria resolvido. A mastologista me deu o contato de uma outra médica em um centro especializado para esse tipo de tratamento, para que eu pudesse tirar todas minhas dúvidas quanto às sessões de radioterapia. Fui à consulta com uma das minhas irmãs, que era plenamente favorável a operação. Estavam

também comigo, a esposa de um sobrinho, que tinha tido um carcinoma no braço, e com a minha mãe de coração, ambas respeitavam minha decisão, sobretudo, ao ver como eu ficava estressada quando o assunto era cirurgia, mas, no íntimo, elas também estavam a favor da intervenção. Enquanto a médica me explicava como seriam as sessões, me comentou um caso idêntico ao meu. Era o de uma médica que só sossegou quando fez a retirada da auréola. Perguntei qual tinha sido o resultado da imunohistoquímica da paciente dela, ela disse que havia sido negativo para células malignas. Fiquei mais convicta ainda que não deveria fazer a cirurgia, no entanto, a médica também me aconselhou a fazê-la. Não era concebível ou admissível para mim, me submeter a um procedimento que não me dava a certeza de que haveria comprometimento maligno da área, e que em cima, me levaria a outras intervenções. Não suportava mais a ideia de fazer outra cirurgia.

Por vezes, me sentia um pouco só, quanto a recusa de me submeter ao procedimento indicado, por unanimidade por todos os médicos. Ainda assim, segui lutando contra essa opção. Parecia que todos estavam contra mim. O que me deixava cada vez mais irritada. Sentia como se ninguém tivesse empatia, em relação ao que esperavam que eu fizesse. Fui me tornando cada vez mais ácida e incompreensiva com os que discordavam de mim. Comecei a ficar muito mal com toda aquela situação. Estava se tornando algo insustentável para mim. Mas, graças a Deus, Ele colocou pessoas que entendiam minha postura e que se colocavam, incondicionalmente, ao meu lado. Clamei muito a Deus para que Ele me ajudasse a enxergar o que seria realmente melhor para mim. Então, foi quando dei início a fisioterapia, para poder começar a fazer as sessões de radioterapia, pois, a realização das sessões dependia da realização da outra. Em uma das várias sessões já realizadas na fisioterapia, conheci uma pessoa que me relatou a experiência dela com o câncer de mama que tinha enfrentado após a perda do seu marido. Também lhe comentei a minha história. Ela seguiu relatando a experiência de uma amiga, que tinha feito a radioterapia, e que o tumor tinha apresentado uma recidiva, ademais de ter afetado o coração por causa da radioterapia, já que o tumor dela era também do lado esquerdo, igual ao meu. Depois daquele encontro com aquela mulher, saí da clínica, convicta da resposta que buscava.

Com muita dificuldade, tentei ceder às minhas próprias convicções, além de ter que aceitar, de antemão, as futuras etapas de outras cirurgias. Foi então quando percebi que teria um imenso trabalho comigo mesma. Segui clamando a Deus que me desse forças

e ânimo para aceitar minha nova decisão. Indiscutivelmente, foi algo terrivelmente custoso para mim. Mas, minha percepção quanto a muitas coisas foi mudando.

À medida que deixava o meu eu de lado, e passava a procurar ver a situação por outros prismas, fui passando a entender, nos por menores e entre as linhas o porquê de tantas coisas acontecendo comigo e, sobretudo, o para quê. Até chegar nessa fase, sofri e chorei demasiado, mas sem nunca ter pensado em desistir. Paulatinamente, fui mudando minha forma de ver e perceber, ainda mais, tudo o que me sucedia.

Até então, já me encontrava em plena exaustão físico-mental. Queixava-me aos médicos da minha falta de memória e cognição comprometida, e eles me explicavam que era consequência de todos os processos que eu já tinha enfrentado, tanto o físico, com as cirurgias, como o mental, com todos os desgastes emocionais.

CAPÍTULO X – O OUTRO LADO DA VIDA

“É preciso viver, não apenas existir.”
Plutarco

Sempre achei que fosse agradecida por todas as coisas, mas, pude ver que, mesmo com tudo o que eu já tinha passado e, ainda estava passando, percebi que meu espírito de gratidão estava muito aquém do que eu gostaria que estivesse. Nunca havia entendido a fundo uma passagem bíblica que diz que devermos ser agradecidos por tudo. Queria muito entender o real significado disso. Sempre indaguei como seria possível ser grata, onde tantas coisas ruins estavam acontecendo comigo. É muito fácil ser grato quando tudo está muito bem, mas o contrário, ainda me custava, e muito. Por outro lado, mesmo sem ter conhecimento de que eu passaria por certas etapas, fui percebendo que, ficar triste, chorosa, muito preocupada com meu quadro à raiz dos resultados dos exames, não me ajudaria em nada. Todo o contrário, eu só o estaria agravando mais. Foi quando comecei a sentir uma forte e grande necessidade de reverter meus comportamentos, que, por vezes, pareciam imaturos e infantis. Pessoas conversavam comigo tentando mostrar-me que, em meio ao que eu estava vivenciando, existiam casos muito piores que o meu, o que era compreensível, mas o meu eu estava muito inflado para perceber tal coisa. Aí, comecei a entender que um dos melhores remédios que eu poderia tomar para ser ajudada, era mudar definitivamente minha forma de sentir, pensar e agir quanto a doença e a sua evolução. E, então, comecei pela gratidão. E, parei para refletir sobre todas as palavras que meus familiares, amigos e irmãos tinham dito para mim com a mais calorosa intenção de ajudar. Percebi que existiam muitas pessoas que me amavam, que estavam lutando comigo a cada dia para que eu estivesse bem e não me deprimisse. Havia sempre alguém pendente de mim, procurando me animar e me conscientizar de que tudo iria dar certo.

Finalmente decidi marcar com a médica a cirurgia de retirada da auréola. A dra. ficou muito contente com minha decisão. Ela sempre defendeu desde o início a retirada, e até insistiu para que eu refletisse bem sobre o assunto. Agora, me sentia disposta e mais confiante a enfrentar mais uma cirurgia. Comuniquei à minha família a minha decisão, o que deixou a todos bastante aliviados. No dia 26 de fevereiro, seria realizada a operação. Enquanto não chegava o dia, fui tentando levar uma vida normal e com mais tranquilidade. Até que, um dia antes da intervenção, meu emocional veio a baixo outra vez. Chorei muito com minha irmã, que tentava me consolar de todas as formas. Era difícilimo

para mim aceitar fazer uma cirurgia em meio a tantas incertezas, e que, em cima, me deixaria pendente de outras. Sentia uma carga absurdamente pesada sobre mim.

Chegou o dia da operação, e me dirigi ao hospital com meu marido, porém, ainda com uma batalha interior travada. Tentei de várias maneiras aceitar com naturalidade o que me aguardava, mas, eu não conseguia, no íntimo, sossegar o meu coração.

Chegada a hora, fui levada ao bloco me sentindo um pouco mais tranquila. Conversei com a mastologista e o cirurgião plástico, que me tranquilizaram ainda mais sobre a intervenção. A cirurgia foi muito rápida e tranquila. Quando despertei, fiquei impactada como não sentia dores fortes, já que eu tinha apenas horas de operada. Mas, mais uma vez, meus nervos me defraudaram. Comecei a ficar muito nervosa por qualquer bobagem. Minha irritação me cegou e terminei brigando com meu marido e muito seriamente com minha irmã, justo com a que tinha cuidado de mim como uma mãe. Discutimos feio. Ela preocupada comigo, e eu com os nervos à flor da pele. Acredito tudo ter sido consequência da minha luta interior em ter me submetido a algo que, no fundo, eu realmente não queria fazer, ademais do efeito da anestesia. Quando fui para casa, percebi que havia começado um pouco de sangramento, o que não era de se estranhar, depois de tanta agitação. Liguei e comuniquei ao médico, que me deu as devidas orientações sobre como fazer o curativo. Ele disse que eu tomasse banho sem a retirada das gazes. Fiquei preocupada com o sangramento, mas não conseguia remover as bandagens. Fui tomar banho quase meia noite, protelando para não me deparar com algo que, em realidade, naquele momento, passou a mexer muito comigo, a estética.

Criei coragem e comecei o banho. O chão ficou todo vermelho, parecia que tinham matado alguém ali, devido à grande quantidade de sangue que tinha sido acumulado durante o dia, e ainda seguia sangrado um pouco. Retirei o curativo com muito cuidado e, ao mesmo tempo, tremia de medo e pavor com aquele momento tão temido por mim. Parecia que estava vivendo num pesadelo, mas que não tinha como me despertar dele. Custou muito olhar-me no espelho, mas tinha que fazê-lo. Quando olhei para mim, cai num choro incessante e descontrolado. Sentia uma profunda dor na alma. Não me sentia preparada para tal situação. Não queria ninguém comigo naqueles momentos tão difíceis. Sabia que teria que passá-los sozinha, o que era mais difícil para mim, mas tinha sido minha escolha.

Durante alguns dias, evitei contatos e visitas, só falava com minha mãe. Só queria ficar só para pensar, meditar muito em todos aqueles acontecimentos, que, de certo,

estavam marcando minha vida para sempre, mas que ao mesmo tempo, tinha muita coisa para me ensinar. E, eu, tinha muito para aprender. Mesmo não faltando conselhos e inúmeras palavras de ânimo e de conforto, eu seguia numa luta interior em aceitar tantas coisas acontecendo na minha saúde. Jamais ousei saber o porquê de tudo isso, mas, sim, para quê? E o dia a dia se encarregou de revelar. Pouco a pouco fui vendo como eu necessitava fazer uma grande faxina dentro de mim. E a primeira parte do corpo para começar, era o coração. Havia muitas coisas para serem esquecidas, e outras, ressuscitadas. Paulatinamente, fui percebendo que, havia males que vinham para o bem, dependendo da visão de cada um. No entanto, a maior lição que eu estava aprendendo era, que há males que vem para o bem sim, e que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus. E eu o amo!

CAPÍTULO XI - ALÉM DO HORIZONTE II

Entendi que, embora estivesse passando por tantas coisas difíceis e dolorosas, eu estava tendo a oportunidade de fazer várias mudanças para melhor, na minha vida. Coisas que eram, aparentemente importantes, deixaram de ser, e vice-versa. Comecei a entender que eu estava tendo mais uma oportunidade de refazer tudo de novo, diferente e melhor. De certo, provas para isso não faltariam. Seguia aguardando a segunda imunohistoquímica da segunda cirurgia. Foram dias de espera debaixo de muitas orações. Tentei de todas as formas possíveis não ficar ansiosa com a demora do exame. Cada dia parecia uma eternidade. Após o suplício da tardança, saiu o resultado. Mesmo não entendendo muito bem o que tinha lido, pude perceber que ainda havia algo errado, que a cirurgia não tinha dado a resposta esperada. Lembro-me das seguintes palavras no meu exame que assim diziam: “... por vezes, (áreas) coincidem com células neoplásicas”. Foi absurdamente doloroso e consumidor emocionalmente, ouvir da médica, mais uma vez, que eu não estava livre das ditas células.

Com toda dor que sentia na alma, fiquei calma e perguntei qual seria o próximo passo a seguir. Nessa altura da situação, as outras duas desventuras já tinham me mostrado que desesperar, não era o melhor caminho a seguir. A doutora me disse que o próximo passo seria a radioterapia. Embora eu estivesse um pouco confusa com aquele novo diagnóstico, procurava a cada dia manter a calma, pois já havia aflorado a consciência de que tudo o que eu estava vivendo, tinha uma razão de ser, e que nada era por acaso ou em vão.

Fui outra vez a uma nova consulta com a médica responsável pela radioterapia, em um Hospital especializado. Bastante temerosa e apreensiva com o que me esperaria com a radioterapia, fui cuidadosamente atendida mais uma vez por uma profissional que era plenamente comprometida com seu trabalho e que amava o que fazia. Esse diferencial fez com que eu me desarmasse de muitas coisas que eu pensava e sentia, no que era concernente ao tratamento.

Ela, com toda paciência, amor e muito carinho conversou por muito tempo comigo, me mostrando o tempo todo que tudo iria dar certo, que eu não tinha que me preocupar por absolutamente nada, e que toda a situação estava sob controle, tanto divino como terrenal. Fiquei extremamente impactada com toda a amabilidade e atenção que ela teve quando disse que teria que me examinar. Chorei de tanta vergonha e dor, dores

da alma e física também. Às vezes, me sentia frágil e indefesa, como uma criança. Não conseguia superar algumas barreiras como a timidez e o pudor excessivo.

Mesmo sendo também uma profissional da área da saúde, e tendo muita consciência e respeito à ética profissional, ainda assim, era tudo muito difícil para mim. Mas, a médica me desarmava com tanto amor, compreensão e ternura. Ela era um anjo enviado por Deus para seus pacientes. Sua forma humana e generosa de lidar comigo, me inspirava e me fazia querer ser cada dia, um ser humano cada vez melhor.

A autoconfiança daquela mulher tão iluminada e especial, teve grande repercussão sobre minha vida. A partir daquela consulta, vi que não tinha condições de seguir relutante, temerosa, quanto aos dias de radioterapia que me esperavam. 28 sessões! Segui com as consultas e exames pertinentes antes de iniciar o tratamento. No dia 29 de março deste mesmo ano, iniciei a primeira sessão. Pude sentir na pele, literalmente falando, que as 27 sessões que me restavam, seria como um touro bravo que eu teria que agarrar.

Não foi nenhum pouco fácil para mim, cada vez que eu chegava ao hospital para fazer a terapia e me deparava com muitas pessoas que ali estavam para serem tratadas também. Havia crianças, jovens, adultos e idosos, sobretudo, advindos de muitos lugares. Era muito pesaroso vê-los esperando por várias horas para serem atendidos.

Com o passar dos dias fui conhecendo algumas breves histórias, e sobre como eles descobriram a enfermidade, como estava seu grau de evolução e o que lhes havia acontecido na área emocional antes da descoberta da doença. Enfim, pude compartilhar a minha experiência com eles e ajudá-los de alguma forma, tentando contagiar com ânimo a alguns que estavam meio abatidos. Não demorou muito para eu fazer algumas amizades e compartilhar com elas um projeto que Deus plantou no meu coração e que poderá ajudar duplamente aos que padecem dessa enfermidade.

À medida que eu conhecia a história de outros pacientes e lhes contava a minha, enxergava ali a oportunidade de ajudar a todas as pessoas que receberam um diagnóstico positivo para o câncer. Escrever um livro contando a minha experiência e a dos que estão dispostos a participar, será um sonho que ainda vai se realizar, para que através das nossas experiências, com tantos erros e acertos, possamos nortear de alguma forma e tentar minimizar a dor e o sofrimento que para todo paciente é desconhecido.

Lembro-me certa vez que em uma das sessões de radioterapia, meu marido teve que sair um momento enquanto eu esperava ser atendida. Sentou ao meu lado uma senhora que acompanhava o marido. Começamos a falar dos efeitos da radioterapia. A

mulher me perguntou se eu era paciente ou acompanhante, respondi que era paciente. Ela me olhou com espanto e disse que eu estava ótima, muito bem. Sem perder muito tempo, logo comecei a relatar, resumidamente, minha história com mais baixos que altos. No entanto, ressalttei que mudar de pensamento e atitude frente a doença, é de grande importância para uma evolução favorável do quadro. Não aguentava ver ninguém com ar de tristeza e sofrimento que logo me dava vontade de conversar, com o intuito de poder ajudar. E, daqui em diante, esse será um dos meus principais objetivos, ajudar às pessoas que se veem entregues a essa enfermidade. Mostrar-lhes que enquanto há vida, há esperança!

Não sei o que me reserva o futuro, mas, de uma coisa eu tenho certeza, que por onde eu passar, exercendo seja qual for a minha atividade laboral, uma coisa é certa, estarei sempre disposta a dar o meu melhor com muito amor e carinho, a todos que passarem pelo meu caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso é do gênero relato de experiência, onde se narra partes da minha vida. Nele, foram relatadas situações pontuais, onde foram mostrados fatos com sérias dificuldades nas áreas pessoal e acadêmica.

Em função do gênero, este trabalho buscou mostrar a vulnerabilidade e a fragilidade humana, quando submetido a situações de grande estresse, independente de qual seja a natureza, assim como, suas consequências sobre o processo ensino-aprendizagem. Para isso, foram utilizados teóricos como embasamento do relato, buscando justificar vulnerabilidade e a fragilidade humana.

Como Fonseca, Marona e Goulart, utilizamos teorias de Vygotsky, entre outros, que reforçam as teorias que envolvem as emoções e suas interferências, como também, suas consequências no processo ensino-aprendizagem, com o único intuito de respaldar os momentos difíceis de serem enfrentados e conciliados com os estudos, sejam escolares ou acadêmicos.

Por fim, espera-se que este trabalho sirva de inspiração e/ou contemplação a importância de se considerar a relação humanizada entre as emoções e o cognitivo dentro do processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Vitor da. “Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica”. (2016). **Revista Psicopedagogia**, v.33, n.102, página s. p., nov., 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862016000300014. Acesso em: 06/09/2019.

GOULART, Rosiliane. **MARONA**, Mariana Vega. “A Interferência Emocional na Aprendizagem”. (2014). **Neuropsicologia**, página s. p., Abr. 2014. Disponível em: <https://psicologado.com.br/neuropsicologia/a-interferencia-emocional-na-aprendizagem>. Acesso em: 15/09/2019.

MORETTI, Felipe Azevedo. **HÜBNER**, Maria Martha Costa. “O estresse e a máquina de moer alunos do ensino superior: vamos repensar nossa política educacional?”. (2017). **Revista Psicopedagogia**, v.34, n.105, página s. p., abr., 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000300003. Acesso em: 06/09/2019.

PORTAL DESAFIOS DA EDUCAÇÃO. A influências das emoções (e da confiança) na aprendizagem. (2018). Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/emocoes-na-aprendizagem/>. Acesso em: 10/09/2019.

SANTOS, Daniela Silva dos. “As emoções e seu impacto sobre o processo de aprendizagem”. Disponível em: <https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/pedagogia/as-emocoes-seu-impacto-sobre-processo-aprendizagem.htm#> Acesso em: 08/09/2019.

THPANORAMA. A teoria sociocultural de Vygotsky. Disponível em: <https://pt.thpanorama.com/blog/psicologia/la-teora-sociocultural-de-vygotsky.html>. Acesso em: 06/09/2019.